

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Programa de extensão

MUSEOLOGIA NA UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

HISTÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA A PARTIR DA ATUAÇÃO DE SEUS AGENTES

ANA CELINA FIGUEIRA DA SILVA

(entrevista)

Porto Alegre

2023

FICHA TÉCNICA

Programa de extensão: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias

Projetos de pesquisa: Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias e História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes

Número da entrevista: MSL6.3.6

Entrevistada: Ana Celina Figueira da Silva

Nascimento: 29 de março de 1966

Entrevistador: Vinícius Bard Giraldd

Data da entrevista: 14 de março de 2023

Local da entrevista: Sala de aula da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Santana, Porto Alegre - RS

Transcrição: Lizandra Caon Bittencourt e Ana Carolina Gelmini de Faria

Conferência Fidelidade: Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz

Copidesque: Ana Carolina Gelmini de Faria, Lourdes Maria Agnes e Marlise Giovanaz

Pesquisa: disciplina Tópicos Especiais em Memória Social

Total de gravação: 1h48min

Páginas digitadas: 27p.

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* e os projetos de pesquisa *Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias* e *História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes* estão autorizados, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes, a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, esta entrevista de cunho documental e histórico. As pesquisas estão certificadas pela Plataforma Brasil, CAAE: 59281922.1.0000.5347 e CAAE 58646822.5.0000.5347, respectivamente. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo:

SILVA, Ana Celina Figueira. **Ana Celina Figueira da Silva.** [Entrevista concedida a] Vinícius Bard Giraldd. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 14 de março de 2023. 27p.



Fotografia de Sergio Luiz Valentim Júnior, 2023.

Ana Celina Figueira da Silva é graduada em História e Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Ciência Política e doutora em História pela mesma instituição. Professora adjunta do Curso de Bacharelado em Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e professora do curso de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS). Experiência na área museológica atuando principalmente nas seguintes áreas: Museologia, Documentação em Museus, História dos Museus.



Porto Alegre, 14 de março de 2023. Entrevista com Ana Celina Figueira da Silva, a cargo do pesquisador: Vinícius Bard Giralde, para o Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, o Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, e o Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes.

V.B.G. - Eu gostaria de saber, sobre sua memória afetiva... sobre o primeiro museu que você conheceu. Qual a sua memória mais remota do museu? Onde, quando e com quem?

A.C.F.S. - Xih...[risos]. Eu era aluna da quarta série, no Colégio Estadual Ceará, no bairro Teresópolis, e aí a professora nos levou para visitar o Museu Júlio de Castilhos. E eu me lembro até hoje que nós tínhamos que anotar, aquela coisa bem tradicional, anotar as etiquetas na visita, porque depois tinha que fazer um relatório. Aí, cada vez que eu vi aquele videozinho do Charlie Brown, da turminha dele, que vai ao museu, eu me lembro, porque foi isso. E eu gostei muito, porque era uma casa bem velha, antiga, parecia um mausoléu mesmo, mas aquela coisa bem de criança, acho que eu tinha uns nove anos, achei que era uma aventura, entrei numa casa. Então, eu tenho essa memória bem presente, até porque depois, no curso [de Museologia], o meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] já foi sobre o Museu Júlio [de Castilhos], claro, aí você reforça essa memória. Mas foi essa a minha primeira visita, que eu me lembro, com o colégio.

V.B.G. - Sua família tinha o hábito de frequentar museus?

A.C.F.S. - Não, não tinha o hábito. Eu morei muito tempo no interior... então, não tinha esses espaços. Depois, mesmo fazendo o curso de História, a licenciatura, não era um hábito naquele período, lá na década de 1990, bem no início. Na História, a gente não tinha esse olhar para o patrimônio como tem hoje. Então, em nenhum momento a gente foi incentivado a visitar instituições,



tanto arquivos quanto museus. Eu ia nas instituições mais conhecidas, no Memorial [do Rio Grande do Sul], no MARGS [Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli], no próprio Julio [Museu Julio de Castilhos], mas não dá para dizer que era um hábito. Só depois, no final do curso de História, que é aí que eu me apaixonei mesmo por museus, com um estágio que eu fiz não obrigatório no Museu [de Porto Alegre] Joaquim Felizardo. Mas isso eu já tinha feito a licenciatura em História e estava fazendo o bacharelado. E aí eu tive essa oportunidade de fazer o estágio ali no Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo], em 1997. E é ali que eu conheci a Zita [Rosane] Possamai, que depois foi minha professora no curso [de Museologia], porque a Zita [Rosane Possamai] era diretora do Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo] naquele momento. Nós temos a mesma idade, eu e a Zita [Rosane Possamai]. E ela começou antes, nos estudos. E é lá que eu conheci a Zita [Rosane Possamai], ela como diretora e eu como estagiária de História. E ali eu tive a oportunidade de vivenciar o cotidiano do museu e entender que o espaço de museu também era um espaço de atuação para o historiador, porque eu imaginava que o historiador só poderia fazer pesquisa, que era para poucos naquele momento, poucas bolsas, poucas oportunidades, ou ser professor, que tudo bem, eu acabei sendo professora. Mas eu nunca imaginei o museu como um espaço, não tinha essa ideia, a gente não trabalhou isso durante o curso [de História], o museu como um espaço para a atuação do historiador enquanto pesquisa, desenvolver pesquisa e também atividades educativas. E ali, quando eu entrei nesse estágio, tinha isso, porque nós tínhamos lá, a gente recebia escolas. Eu me lembro que fiquei trabalhando com as crianças pequenininhas, com os toquinhos de quatro a seis anos que vinham, tinha atividades para eles, tinha para maiores e tinha também para o EJA [Escola para Jovens Adultos]. Então, a Zita [Rosane Possamai] inclusive abriu o Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo] à noite, duas vezes por semana, que era na época algo bem diferente para receber as turmas do EJA [Escola para Jovens Adultos]. E lá eu trabalhei, atendi as crianças, desenvolvi atividades com eles, com a pré-escola. Aí comecei a ver



que o museu tem tudo a ver com a História, com o espaço educativo. Também o Pedro Vargas, que vocês conhecem, que hoje trabalha como historiador da Prefeitura [de Porto Alegre]. Ele [Pedro Vargas] também trabalhava no Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo] na época, e ele era o meu supervisor do estágio. Com ele, participei da primeira experiência de uma exposição, que era sobre as religiosidades do bairro Cidade Baixa. Bem interessante. Ele me levava junto para entrevistar as pessoas do bairro. Me lembro que a gente foi entrevistar alguém do budismo, depois de religião afro. Foi bem interessante. E aí ajudei ele como estagiária na exposição. Então, foi a minha experiência em 1997, 1998, em que me aproximei dos museus, do mundo da Museologia e fiquei com vontade de um dia conhecer um pouco mais. Mas não havia, nesse momento, cursos aqui no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

V.B.G. - E então foi através da Zita [Rosane Possamai] que soube do curso de Museologia?

A.C.F.S. - Não..

V.B.G. - Não?! E como foi?

A.C.F.S. - Eu fiquei lá no Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo] até 1998. Eu fiz um concurso porque tinha saído do Banco Meridional, que não existe mais, é o Santander hoje, que foi privatizado. Já trabalhava lá há mais de dez anos. Aí eu saí num daqueles PDVs [Programa de Demissão Voluntária], porque eu estava me formando em História. Ou eu saio agora, ou não saio nunca mais. E aí eu saí, assim. Deu uma loucura. E aí fui fazer o que eu nunca consegui fazer durante o curso [de História], porque eu estudava à noite e trabalhava de dia. Então, eu nunca tive a oportunidade de ser bolsista, de participar de projetos de pesquisa. E eu morria de vontade. Eu achava que, poxa, deve ser muito legal. E ser monitora, nada disso. Não dava. Então, quando eu saí do banco



[Meridional], eu tive tempo para poder pegar esse estágio lá no Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo]. Só que logo... eu precisava trabalhar. Em seguida eu fiz um concurso na Prefeitura [de Porto Alegre], mas era para assistente administrativo e me chamaram em 1998. Aí eu terminei, fiquei um ano no estágio e saí para assumir esse cargo. Trabalhei no Conselho Tutelar, como assistente. Eu estava lá e disse, bom, o que eu vou fazer? Eu vou tentar o mestrado. Eu já tinha tentado na História e não passei na entrevista. Aí, naquele ano, eu consegui uma possibilidade de trabalhar no núcleo de pesquisa, no NUPERGS, que é o Núcleo de Pesquisa e Documentação de Política do Rio Grande do Sul, lá no Campus do Vale, Instituto de Ciências Humanas. E aí eu trabalhava meio turno na Prefeitura [de Porto Alegre] e consegui essa experiência lá como voluntária, essa experiência de pesquisa lá no NUPERGS [Núcleo de Pesquisa e Documentação de Política do Rio Grande do Sul]. E aí surgiu a oportunidade de fazer a seleção de mestrado para Ciência Política. Eu fiz a seleção, mas eu estava trabalhando na Prefeitura [de Porto Alegre]. E aí eu fui selecionada, passei bem até, porque consegui uma bolsa de mestrado. E eu tive que optar, né? Não podia ter bolsa naquela época e ter vínculo empregatício. Eu pedi exoneração da Prefeitura [de Porto Alegre]. Todo mundo achou que foi uma loucura, porque, ah, estabilidade. Eu já não era mais criança também, né? Já devia ter... já estava com 33 anos. Mas eu fui, fui fazer o mestrado. E aí fiz o mestrado e nunca mais eu vi a Zita [Rosane Possamai], assim, na ANPUH [Associação Nacional de Professores Universitários de História], às vezes, né? Em alguma atividade, assim, acadêmica, mas nunca tive mais contato. Aí fiz o mestrado, aí depois fiz... Eu precisava trabalhar, né? De novo, fiz concurso. Aí fiz concurso para professor no Estado [do Rio Grande do Sul] e fui ser professora de História. E isso passou anos. Aí como é que eu fiquei sabendo do curso [de Museologia]? Porque ficou sempre aquela coisa, né? Ah, queria trabalhar em museu, queria estudar museus, queria estudar Museologia, né? E não dava, era no Rio [de Janeiro], não tinha como ir, ou na Bahia, muito menos. Aí o meu companheiro, na época, meu ex-marido, ele fazia Arquivologia aqui [Faculdade



de Biblioteconomia e Comunicação]. Ele foi da primeira turma, ele também já tinha feito História. E ele fez mestrado aqui, né? Na Comunicação. E eu vim no dia da defesa. E aí estava a [Ana Maria] Dalla Zen, que eu não conhecia, a Lizete [Dias de Oliveira], que eu também não conhecia, e um professor lá de Santa Maria. E o Valdir [José Morigi], que era o orientador. E no final, ali, depois que saiu o resultado, eles estavam conversando, comentando, e o Valdir [José Morigi] falou assim, acho que para [Ana Maria] Dalla [Zen], ah, vai sair, né? Isso foi em 2007. Vai sair o curso de Museologia... e eu como assim? E aí eles foram tomar um café no bar do anexo [Anexo I Saúde]. E aí eu perguntei para o Valdir [José Morigi], que era uma pessoa que eu nunca tinha visto na vida. Eu disse... como é? Ele [Valdir José Morigi] disse: “vai ter o curso [de Museologia], já está tudo pronto, vai ter o vestibular.”. E eu, ah! Aí eu cheguei em casa, assim, comecei a cuidar no site da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], porque ele [Valdir José Morigi] também não me deu muitas informações. E fiquei olhando, assim, cuidando. Até que um dia saiu uma notinha na página, assim, uma nota, né? Dizendo que a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] ia fazer uma apresentação para a comunidade do curso de Museologia, que era um curso novo, e ia ter o primeiro vestibular em 2008. Aí, ao mesmo tempo, eu fiquei assim, ah, será que eu sou comunidade? Fiquei pensando. E eu, ah, que comunidade é essa? Aí eu liguei para cá [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], para a secretaria, tinha ali o contato, e perguntei: “qualquer pessoa pode?” “Pode, é aberto”. Aí eu, opa, né? Eu dava aula lá na Vila Mário Quintana, Chácara da Fumaça, uma escola que eu estava há bastante tempo. E naquele dia, justamente, eu dei sorte, porque eu dava aula só de manhã. Aí eu pensei, bom, eu chego, venho de lá e venho para a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], né? Era no auditório 1 e foi um dia muito legal, porque eu estava na dúvida se eu fazia vestibular ou não, porque eu já estava com 41 anos. Já pensou em estudar? Nunca mais tinha estudado Matemática, Física, Biologia. Eu disse, Jesus, né? Como é que eu vou fazer esse vestibular? Bom, vamos uma coisa por vez. Vamos lá ver como é que é. Aí eu



vim e estava cheio, tinha bastante gente. A professora Ana Maria Dalla Zen que representou ali o grupo que estava à frente, até eu conto isso, né? No programa [de extensão] Trajetórias e Memórias, a minha memória afetiva é essa. E a [Ana Maria] Dalla [Zen], nesse dia, ela estava deslumbrante. E aí ela apresentou o curso, assim, falou, toda feliz da vida, que ia começar, que era uma batalha de muitos anos, que eles agora conseguiram. Aí estava o professor Valdir [José] Morigi, que era o diretor [da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] na época. Tinha outros professores, mas eu não me lembro. Aí tinha também a Simone Flores [Monteiro], que era do Sistema Estadual de Museus. Explicou a questão das regiões museológicas, eu não fazia a menor ideia que tinha sete regiões. Assim, apresentaram o curso [de Museologia] e a gente recebeu ali um folder, que tinha as possibilidades, mercado de trabalho, enfim. Aí eu saí tão feliz ali, pensei, ah, vou fazer, bem animada... foi uma injeção de ânimo. Ali que eu decidi que eu ia fazer. Eu fiz em janeiro de 2008 o vestibular. Por um milagre da natureza eu passei, porque, claro que eu não estudei, né, gente? Eu dava aula de manhã, de tarde, de noite lá em Caxias, numa faculdade [Faculdade dos Imigrantes]. Mas aí a minha estratégia, assim, bom, já que o peso maior era as humanas, né? A História mais ou menos eu achava que me garantia, né? Aí eu peguei as leituras obrigatórias que tinham na literatura e de noite eu ficava, antes de dormir, lendo aqueles livros. Fiz e fui bem nessas que eu precisava ir bem e nas outras eu fui ali, né? Fui raspando, mas deu certo. Eu entrei, e agora? O curso era de tarde. Aí eu dei todo um jeito de conseguir ir na escola, redução de carga horária, ficar de manhã e de noite e fui muito naquela perspectiva, vou fazer o primeiro semestre para ver se é ok... já pensou aquela gurizada? Eu vou ser a véia da turma, né? Mas aí eu cheguei e, para minha surpresa, tinha vários colegas da mesma idade ou mais do que eu. Claro tinha alguns jovens também, mas a primeira turma tinha essa característica que eram pessoas que já tinham uma outra profissão e alguns trabalhavam já em algumas instituições de cultura e queriam legitimar a profissão, mas a maioria era mais velha, assim, como eu. Então, não me senti um peixe fora d'água. E foi muito receptivo. A própria



Faculdade [de Biblioteconomia e Comunicação] nos recebeu super bem. A gente sentia que era um desejo grande dos professores e eles tinham muita alegria de que o curso [de Museologia] estava acontecendo. Mesmo com todas as dificuldades, mesmo não tendo um museólogo efetivo, um professor efetivo, nós tínhamos uma professora museóloga que era substituta, a professora Valéria [Regina] Abdalla [Farias], que tinha vindo do Rio de Janeiro e ela fez a seleção para substituto. Mais nova do que a gente, acho que ela tinha uns 23, 24 anos, e ela que nos deu as disciplinas que era assim do núcleo duro da Museologia. Todos os outros professores não eram [museólogos]. Então, tinham problemas, mas, ao mesmo tempo, era uma vontade... depois de tanto tempo... a primeira semana foi maravilhosa, porque fizeram várias atividades para nos recepcionar. Eu me lembro do [José] Nascimento [Júnior], que na época era do diretor do DEMU [Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN]... ainda não tinha o IBRAM [Instituto Brasileiro de Museus] em 2008, mas ele já tinha uma importância na área. Veio o Mário [de Souza] Chagas, trouxeram pessoas para conversar com a gente. Atividades culturais para nos recepcionar. Respondendo à pergunta, voltando, não foi através da Zita [Rosane Possamai], ela não era professora no início, ela vai entrar depois, até por um movimento dos alunos. Ela [Zita Rosane Possamai] dava aula na [Faculdade de] Educação e eu me lembro que o João [Batista], um colega nosso, disse: “a Zita [Rosane Possamai] tinha que vir para cá e a gente...” É verdade! A gente começou a falar com os professores, com a [Ana Maria] Dalla [Zen], com a Marlise [Giovanaz], e fazia esse movimento. Fui reencontrar a Zita [Rosane Possamai] já aqui, quando ela veio para o curso [de Museologia]. Mas foi lá, essa oportunidade que ela [Zita Rosane Possamai] me deu, sem me conhecer, num estágio, porque, afinal, era ela [Zita Rosane Possamai] que selecionava os estagiários para o Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo], que acabou desencadeando essa história... eu fui aproveitando as oportunidades que foram aparecendo. E aí eu fiz o primeiro semestre, ah, gostei,



vou fazer. Ah, vamos ver o segundo. Aí, no terceiro, eu já estava fazendo o estágio não obrigatório, já estava super envolvida, e decidi ficar, concluir o curso.

V.B.G. - Ainda sobre essa experiência de compor a primeira turma de Museologia, como era o perfil dos alunos? Era muito diferente de hoje? Pode falar sobre essa experiência de ter ingressado em um curso de Museologia?

A.C.F.S.- Ah, às vezes eu não acredito, porque meus professores são meus colegas hoje. A [Ana Carolina] Gelmini [de Faria] entrou já quando eu estava me formando. Mas a Marlise [Giovanaz] foi minha colega na História. A gente fez algumas disciplinas juntas. E eu me lembro quando fiz a primeira matrícula, que era presencial, que a gente tinha que vir aqui [na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], que eu entrei na sala, estava a Marlise [Giovanaz]. E aí ela [Marlise Giovanaz] me olhou e falou: “Ana, o que você está fazendo aqui?” e eu também perguntei o que ela [Marlise Giovanaz] estava fazendo ali, que me disse: “eu sou professora aqui [na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]”. Aí eu falei, vai ser minha professora! A Marlise [Giovanaz] foi minha colega e depois, minha professora. A Zita [Rosane Possamai], que eu já conhecia, foi minha professora. A [Ana Maria] Dalla Zen foi minha professora. A Jeniffer [Alves Cuty] foi minha professora. E a Lizete [Dias de Oliveira]. Então, todas elas foram minhas professoras no curso [de Museologia]. E depois, eu ingressei como professora aqui. Eu falei: “vocês vão ser sempre minhas professoras”. Porque não adianta, uma vez professor, sempre professor. Mas, claro, tem uma relação de colega também, mas no início eu ficava assim, nossa, gente, eu sou colega da Lizete [Dias de Oliveira], eu não acredito. Eu acho que o curso [de Museologia] mudou bastante, porque hoje eu percebo que o ingresso tem sido cada vez maior de pessoas mais jovens, que saem do Ensino Médio, o que eu acho bom. E, claro, o nosso curso [de Museologia] sempre tem pessoas já com uma trajetória, com uma outra profissão. E eu acho bem legal essa mistura, entre o pessoal bem novo e o



pessoal já com uma experiência, essa troca que acontece. Mas, claro, que no início havia mais pessoas de mais idade e menos jovens. Até não sei se a gente não assustava um pouco, tem alguns que desistiam, porque eram um monte de gente mais velha, tinha mais experiência, falava mais, talvez a gente às vezes meio que sufocava a gurizada, não sei. Tinha a Eliane Muratore, que hoje está diretora do Museu da UFRGS, e é técnica, museóloga aqui da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. A Luciana [Oliviera de] Brito, que hoje é museóloga do Museu [de Porto Alegre Joaquim] Felizardo. A Jeanice Dias [Ramos], que já era jornalista, foi depois presidente do COREM [Conselho Regional de Museologia]. A Valesca [Henzel] Santini, que é museóloga no Museu Paulista, fez concurso e também já era arquiteta. O Manolo [Silveiro Cachafeiro], que já era historiador, funcionário da Prefeitura [de Porto Alegre]. A Letícia Crestani até era jovem, mas já era formada em História e hoje atua em um museu [Museu do Contestado de Caçador]. A Carla Renata [Antunes de Souza Gomes], que hoje está no Museu de Cabo Frio, de Arte Sacra. Ela também já estava no doutorado em História e estava fazendo o curso [de Museologia]. A Micheli [Pereira de Souza], que hoje é museóloga do Museu da Paleontologia [Irajá Damiani Pinto], mas também já tinha passado por um curso de Psicologia. Ela era jovem até. Mas mesmo os mais jovens já tinham ou concluído uma graduação ou já passado e largado por algum motivo. Então, acho que mudou. Hoje o perfil já é mais pessoas mais jovens ou sem experiência. Essa semana deu esse problema com as meninas lá de São Paulo, todo mundo viu, que estavam criticando a colega de 40 anos por fazer uma faculdade, então um preconceito, um etarismo [preconceito contra pessoas com base na sua idade]. Aí eu fiquei pensando na hora, nossa, o curso [de Museologia] nunca teve isso, sabe? Talvez por isso, porque desde o início a gente está acostumado a ver pessoas de todas as idades. Então, nesse sentido, é bem bacana.



V.B.G. - Ainda sobre o teu momento no curso [de Museologia] como aluna, nós sabemos que a exposição curricular é o ápice da formação... qual a sensação de ser a primeira exposição curricular montada e quais foram os maiores desafios?

A.C.F.S. - Bah! Foram muitos desafios. Éramos poucos também, a turma era pequena. A gente não tinha experiência nenhuma, foi a primeira vez, então sempre a primeira vez é mais difícil. Eu gosto sempre de falar que a qualidade vem com uma certa quantidade. Quanto mais a gente vai repetindo as coisas e vai avaliando os erros, a gente tem tendência a melhorar. Mas ali a gente não tinha a menor noção. E quem foi a professora que participou com a gente desse processo foi a Marlise [Giovanaz], que é historiadora também, para ela [Marlise Giovanaz] foi uma primeira experiência. A Marlise [Giovanaz] foi sensacional, se superou, porque não era fácil. Eu acho que o processo, esse trabalho em grupo, não é fácil de organizar, porque a gente sempre brinca, porque é difícil. São decisões que tem que tomar, e aí não agrada todo mundo. E trabalhar em grupo nem sempre é tranquilo, tem que abrir mão das suas decisões muitas vezes em prol do grupo. Então, a Marlise [Giovanaz] mediu isso muito bem. Não era fácil lidar com pessoas já mais velhas e cheias de opiniões. Foi um processo que deu tudo certo, mas no começo não foi muito fácil. E o nosso tema foi um tema que um colega trouxe, que era sobre o padre Landell de Moura. Pena que eu não trouxe, ontem eu vi lá os materiais da exposição. Do [Roberto] Landell de Moura, porque era 150 anos do padre [Roberto] Landell [de Moura]. E aí toda a cidade estava fazendo, em função dessa efeméride, atividades. O Manolo [Silveiro Cachafeiro], sendo da Prefeitura [de Porto Alegre], trouxe esse personagem. E a gente fez a pesquisa e montamos a exposição lá no Memorial do Rio Grande do Sul, no segundo andar. O espaço não era favorável, porque era um espaço grande, um pé direito muito alto. Não tínhamos acervo. Na verdade, o único acervo eram as patentes de registro do invento do padre [Roberto] Landell [de Moura], para transmissão do som, que



era do Instituto Histórico Geográfico [do Rio Grande do Sul - IHGRGS], que eles nos emprestaram para a exposição. Todo o resto era material expográfico, a gente produziu imagens, textos... pouquíssimo acervo para preencher um espaço enorme. Até que acho que ficou bom, diante das possibilidades. Claro que a gente não trabalhava com acessibilidade, como hoje o pessoal trabalha, não teve essa parte. Eu me lembro que o Elias [Palminor] Machado, que é museólogo do curso [de Museologia], nos ajudou, mas muito pontualmente. A Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] deu uma visitada para conversar conosco, acho que estava chegando em Porto Alegre, mas não era professora ainda do curso [de Museologia]. Mas a gente contou com a ajuda de muitas pessoas. A gente fez no período de férias, em função de alguns problemas que a gente teve na disciplina de Práticas de Exposição, que não deu para concluir a exposição. Então, se estendeu. Ficou janeiro, fevereiro e março. A Marlise [Giovanaz] se reunia com a gente lá na Casa de Cultura [Mário Quintana] para tratar da exposição. Isso em janeiro, nas férias. E ela estava lá com a gente para definir as coisas. Tudo era briga, até a cor da parede... que ficou a cor lilás, porque é a cor da estola dos padres. Eu me lembro que teve uma discussão muito boba, na época, tudo parecia muito importante. Mas é porque o padre [Roberto] Landell [de Moura] fumava muito. E a ideia era mostrar o lado humano dele, que não era essa coisa mítica, um herói, quase que um santo. A gente queria humanizar essa figura que era um cientista, além de religioso. A gente queria exaltar o lado cientista. E aí tinha uma partezinha da exposição que tinha como se fosse o quarto dele, porque ele ficava escrevendo, estudando, até tarde, fumando. Então, a gente fez um texto. Eu me lembro até que fiz esse texto, que ali o padre [Roberto] Landell [de Moura]... entre a fumaça... E aí deu uma função na turma. Porque, imagina, crianças vão ver essa exposição e vão achar que a gente está incentivando ao vício do tabagismo. Aí foi uma briga, tira o cigarro, bota o cigarro. Ficou lá o cinzeiro, mas teve colegas que achavam que nós estaríamos incentivando o tabagismo, que tinha que ter muito cuidado com as visitas das escolas. Foi a primeira



experiência. Mas, claro, a gente, como primeira, não foi a melhor. Eu acho que as exposições que vieram depois, foram bem melhores, cada vez mais.

V.B.G. - E depois que acabou o curso [de Museologia] atuou em algum museu?

A.C.F.S.- Sim! No estágio, durante o curso [de Museologia], eu fiz estágio ali no Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre. Fiquei dois anos. Eu tinha pedido uma licença do Estado [do Rio Grande do Sul], porque, gente, olha que triste, o que eu ganhava como professora, com mestrado, pelo Estado [do Rio Grande do Sul], dando aula, era menos do que fui ganhar como estagiária no Memorial da Câmara de Porto Alegre, trabalhando 30 horas. Eu consegui uma licença não remunerada no Estado [do Rio Grande do Sul] para fazer o estágio de manhã e vinha para a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] de tarde. Aí depois voltei a dar aula. E aí teve os estágios obrigatórios, que o primeiro eu fiz no Museu da UFRGS. E a minha orientadora foi a Marlise [Giovanaz]. Eram três estágios. Eu fiz os dois primeiros no Museu da UFRGS e o terceiro, que aí já era o mais aplicado, eu fiz no Museu Bispo Isaac Asso, que é um museu do Colégio Americano. E aí me formei e eles me contrataram. Eu tenho carteira de trabalho assinada como museóloga! [risos] museóloga. E aí fazia também 30 horas lá, porque continuava dando aula. Então, trabalhei lá. Fiquei um ano e pouco, em 2012 me contrataram. E fiquei um tempão batalhando para na Secretaria de Educação conseguir uma transferência, uma cedência, não sei bem o termo, para a Secretaria de Cultura para ver se tinha oportunidade de trabalhar em algum museu do Estado [do Rio Grande do Sul]. Foi difícil, mas consegui. Na época, a Eliane Muratore me ajudou bastante. Ela [Eliane Muratore] conhecia o diretor do Museu da Comunicação [Hipólito José da Costa], que era o jornalista Augusto [Franke] Bier. Ela [Eliane Muratore] conversou. Fui lá e falei com ele [Augusto Franke Bier]. Só que fui como professora, não fui como museóloga. Então, a minha cedência era o mesmo horário que eu tinha no Estado [do Rio Grande do Sul]



como professora. E tive que me comprometer com a Secretaria de Educação que eu ia desenvolver atividades na área educativa. Eu podia até fazer outras coisas se eu quisesse, mas era o meu compromisso. Aí fui, ficava em um turno no Isaac Asso, no Museu do Colégio Americano, e, de tarde, ia para o Museu [da Comunicação] Hipólito [José da Costa]. Para chegar no centro, nem almoçava para cumprir o horário. E lá foi interessante porque é um museu maior, foi uma vivência boa. Eu trabalhava no educativo, mas ficávamos na reserva porque não tinha ninguém. Fizemos um projeto bem bacana de uma oficina com a terceira idade. Entramos em contato com o Sesc [Serviço Social do Comércio] porque lá tinham os roteiros de radionovela... pegávamos algum desses roteiros, deixávamos incompletos e eles tinham que criar o resto da história e depois fazer uma gravação. No próprio computador fazíamos ali, eles com a voz deles, e apresentávamos. Foi uma experiência bem bacana. Foi pouco tempo, acho que fiquei um ano e pouco no Museu [da Comunicação Hipólito José da Costa], mas aprendi muito ali, tenho o maior respeito, porque sabemos dos problemas que o Estado [do Rio Grande do Sul] tem, mas o pessoal foi super acolhedor. E nesse período também, no final de 2012, fiz seleção para o doutorado. Estava nos dois museus. Me lembro até na entrevista que os professores falaram que teria que sair de um dos museus. Fui selecionada e passei. Em 2013, comecei a fazer o doutorado e pedi demissão do Museu do Colégio Americano. E continuei no Museu [da Comunicação] Hipólito [José da Costa]. Em 2013, em novembro, teve o concurso para professor, que eram quatro vagas. Nunca mais vai acontecer isso na vida. E não pedia doutorado. Era só mestrado. Gente do céu o cavalo estava passando encilhado. Se eu não for agora, nunca mais. E eu, como eu ia fazer? Eu estava no doutorado, fazia dez anos que eu tinha feito mestrado. Nesse meio tempo, fiz a Museologia. Então, eu não pude aproveitar nenhuma disciplina, tive que fazer os 36 créditos no doutorado. Era disciplina, disciplina, disciplina. E eu estava no [Museu da Comunicação] Hipólito [José da Costa] também. Eu não sabia como ia estudar. Aí pedi férias. E estudei, mas eu estava sem esperança.



Eu me lembro que na lista dos inscritos, tinha muita gente inscrita. E estava lá Bruno Brulon [Soares]. E eu, ah, deu, né? Quem sou eu para competir com o Bruno Brulon [Soares]? Já era menos uma vaga. Mas aí ele [Bruno Brulon Soares] não veio. Ele passou no Rio [de Janeiro], lá na UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. Mas foi meio assim, eu pensei, ah, vou tentar... se der, deu. Claro, eu estudei, não foi assim. Mas foi tudo junto, nesse período. Eu estava bem contente de ter essa oportunidade nos museus. Me ajudou a ter a prática, não só a teoria, mas a vivência dos museus.

V.B.G. - Então, essa foi a sua trajetória até entrar como professora no curso [de Museologia], trabalhando nesses dois museus [Museu Bispo Isaac Asso e Museu da Comunicação Hipólito José da Costa]?

A.C.F.S. - É, lá no NUPERGS [Núcleo de Pesquisa e Documentação de Política do Rio Grande do Sul] também, eu trabalhava com acervos, mas enquanto estudante de História. Mas na Museologia, experiência mesmo, profissional, foram esses dois [Museu Bispo Isaac Asso e Museu da Comunicação Hipólito José da Costa]. Como funcionária, no caso, como museóloga contratada, foi no Colégio Americano e no Estado [do Rio Grande do Sul] como cedida.

V.B.G. - E na docência, como foi essa primeira experiência, quais foram as suas atribuições no ensino, extensão e pesquisa?

A.C.F.S. - Quando eu cheguei, eu me lembro até hoje que a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] falou assim: “Ai Ana, desculpa, tá?”... Aquele jeito da Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]. “Mas assim, como você é a única que foi aluna aqui da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], vai ter que dar Fundamentos da Ciência da Informação.” [risos] Eu disse, bah Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria], mas eu não sei nada de Ciências da Informação, só fiz essa disciplina. Mas é que entrou eu, a Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino]



e o Eráclito [Pereira]. E a professora Márcia [Bertotto] depois. A Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino] fez Museologia em Pelotas e o Eráclito [Pereira] fez Museologia em Santa Catarina. Claro, eu era mais próxima. Aí foi assim, a gente pega meio aquilo que tem. Eu fiquei um pouco com medo, pensei, já vou começar falando bobagem. Mas é normal, todo mundo passa por isso. O professor Rodrigo [Silva] Caxias [Sousa] até me ajudou. Me passou o material dele e eu fui estudar. Aí que a documentação começou a entrar também. Já no início, porque eu dividi uma disciplina. Eu e a Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino], a gente dava a documentação. Quatro créditos, a gente dividia entre as duas. Morrendo de medo de que alguém fizesse uma pergunta e eu não soubesse responder. E eu, meu pai do céu, cada vez que eu entrava na aula, tomara que hoje ninguém me pergunte, nada [risos]. A Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino], depois, disse que não queria continuar com a documentação. Ela queria ir mais para a área da expografia. E eu disse que gostei e comecei a estudar. Aí teve mais, seminário, os estágios... desde o início eu peguei também. Eu acho que eu tinha umas quatro disciplinas. E os projetos, a gente tinha que fazer projeto de pesquisa. Mas o projeto de pesquisa que eu apresentei era o próprio projeto do doutorado. Porque eu estava no doutorado ainda, entrei em 2013 e aqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] em 2014. Depois que eu defendi o doutorado que consegui fazer a proposição de um projeto de extensão, que tem até hoje, que é sobre gestão de acervos, que é de 2018. E vai meio que te achando no curso. No início fica meio solto, meio perdido. Até para ver qual vai ser a tua área de atuação. E, aos poucos, fui me aproximando da documentação museológica. Da própria história de coleções, que também, embora eu não tenha nenhuma disciplina nessa área, eu gosto, é a minha área de pesquisa. Hoje eu consigo me entender dentro do curso [de Museologia]. Porque no início eu custei um pouco, uma coisa é ser aluno, outra é quando tu está dentro. Porque tem funções administrativas que eu não imaginava que tivesse essa carga toda de trabalho, não trabalho com sala de aula, com pesquisa, mas também esses encargos. Então, aí tu vai



entendendo um pouco a universidade. E aí a experiência também na COMGRAD [Comissão de Graduação]. Estou na COMGRAD [Comissão de Graduação] desde que eu entrei, como membro. Mas como coordenadora eu aprendi muito. Também fiz muita coisa, acho que não fiz da melhor forma, mas fui aprendendo. Hoje eu entendo um pouco a estrutura do curso [de Museologia], mas custei.

V.B.G. - E quando você entrou na Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, como inicia este vínculo? E quais suas impressões sobre os primeiros cinco anos do PPGMusPa [Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]?

A.C.F.S. - Eu sou recente no PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio], eu entrei no último credenciamento, em 2021. Eu e a Giane Vargas [Escobar], entramos juntas. Só tive uma disciplina até agora, eu também estou nesse processo de conhecer um pouco, de entender, embora tenha sido aluna já, de mestrado, doutorado, mas como eu falei, como professora é uma outra experiência. Eu fiquei muito com medo de..., nossa, será que eu vou dar conta? Primeiro, aquela insegurança que sempre bate. Será que eu tenho condições? E aí a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]: “você tem, vamos.” Sempre as colegas incentivando. Mas depois, nossa, será que eu vou dar conta? Porque a gente entra na pós-graduação, mas a gente não sai da graduação. E eu acredito muito que é importante a gente priorizar a graduação. Mas também a pós-graduação é interessante, porque é uma outra relação com os alunos. Agora eu estou com três orientandos, e é bem interessante, é uma experiência diferente. Porque não é que os alunos sejam melhores, mas é um outro momento, e aí tu consegue aprofundar, pegar um tema de pesquisa e mergulhar naquele que é muito mais tempo do que um TCC [Trabalho de Conclusão de Curso], por exemplo. Então, dos cinco anos, eu não posso falar porque eu entrei agora, mas é uma construção que está sendo feita, eu acho que é uma caminhada, a gente tem algumas linhas de pesquisa consolidadas e



já acabou sendo uma referência. E, também eu acho que a pós-graduação influenciou no perfil do aluno na graduação. Porque antes, como não tinha essa possibilidade, você era mais velho, já tinha uma formação, e queria ser museólogo, você tinha que fazer a graduação, ou ir para fora do Estado [do Rio Grande do Sul], para fazer um mestrado ou um doutorado. E agora, quando abriu aqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], com o título de mestre em Museologia, você pode se credenciar no COREM [Conselho Regional de Museologia], pode se registrar como museólogo. Então, eu acho que isso, muitas pessoas que faziam a graduação para ter o título de museólogo acabaram indo para o mestrado, porque é menos tempo, e porque elas já tiveram a experiência da graduação, e aí eu acho que houve essa mudança, o que acaba tendo mais pessoas mais jovens na graduação.

V.B.G. - Como discente da primeira turma, e atualmente docente, como você analisa a trajetória destes 15 anos de formação, com os principais desafios e conquistas?

A.C.F.S. - Olha, eu acho que melhorou bastante, porque, eu não vou dizer que a nossa formação não foi boa, porque foi, gente. Senão, não teríamos tantos profissionais da primeira turma que se colocaram, e não é porque não tinha ninguém... não, porque, no caso, eu sempre gosto de citar o exemplo da Valesca [Henzel] Santini, que fez uma seleção para o Museu Paulista e tinha muitos inscritos. Tinha gente do Brasil inteiro, ela [Valesca Henzel Santini] era da primeira turma, tinha gente de São Paulo, tinha gente do Rio [de Janeiro], tinha gente da Bahia, de cursos muito mais antigos, e ela [Valesca Henzel Santini] que passou, e era da primeira turma. E nós tínhamos, naquele momento, ganhado uma nota, recente tinha saído a nota da avaliação, eu acho, do MEC [Ministério da Educação], que o curso [de Museologia] ficou com dois ou três, não me lembro mais.



A.C.G.F. - Conceito dois!

A.C.F.S. - A gente já tinha se formado, mas ficamos sabendo e arrasados. Não! Não! E aí, logo em seguida, veio o resultado que a Valesca [Henzel Santini] tinha sido aprovada [no Museu Paulista]. Então, para nós, aquilo foi um alento, a gente tirou dois, mas a nossa egressa aqui, isso nós como alunos, não estou falando como o grupo dos professores, não sei se eles pensaram isso, mas para nós, a gente ficou super orgulhosa, a Valesca [Henzel Santini] nos representou. Claro, tem muito do esforço pessoal, tem muito das experiências da própria Valesca [Henzel Santini], das experiências de vida dela, mas a gente teve uma formação que nos possibilitou atuar no mercado de trabalho, fazer concursos e ser bem-sucedido. Então, o curso [de Museologia], com todos os problemas que tinha no início, era isso que dava, né, gente? Ou era assim, ou o curso [de Museologia] não acontecia. Enfim, houve uma boa reformulação do currículo, que eu acho que qualificou, como é normal na vida, né? Que as coisas vão melhorando, vão se ajeitando. Mas ontem eu estava olhando a nossa primeira grade e algumas disciplinas se mantêm até hoje, né? É uma trajetória de 15 anos, ainda é pouco se tu pensar em relação a outros cursos, mas já se fez muita coisa, o curso [de Museologia] já tem uma certa visibilidade em algumas áreas, em alguns outros cursos, principalmente das Ciências Humanas. Hoje as instituições que a gente circula em Porto Alegre e mesmo no Rio Grande do Sul já sabem que existe esse profissional, quais são as suas atribuições. E quando passa um estagiário de Museologia numa instituição, depois o pessoal percebe, ah, como faz diferença na questão da gestão, na questão do tratamento das próprias coleções, de pensar as exposições. Então, acho que também amadureceu o próprio campo e isso vai refletindo no curso [de Museologia] também. Mudou o entendimento do papel do museólogo para as nossas instituições de memória.



V.B.G. - E quais as expectativas para os próximos 15 anos na Museologia no Rio Grande do Sul? Para o curso [de Museologia] e para os futuros museólogos?

A.C.F.S. - É uma luta, gente, há necessidade e há demanda profissional, mas entra toda uma questão de políticas, de contratação desses profissionais. Mas a gente começa a ver que instituições privadas têm museólogos, o Museu de História da Medicina, o Museu do Inter, o Museu do Grêmio... enfim, a gente consegue identificar algumas instituições privadas contratando museólogos e no Estado [do Rio Grande do Sul] tem aquela questão, né, de que precisa ainda se criar o cargo de museólogo para que se tenha os concursos, mas a gente vê nos municípios, alguns municípios já têm o cargo, fizeram concurso, o próprio município de Porto Alegre. Então, eu acho que a perspectiva é, em termos de mercado de trabalho, de campo, de atuação, a tendência é melhorar, porque a gente luta aí junto com o COREM [Conselho Regional de Museologia] e com outras instituições pela criação desse cargo. E da área, enquanto área de conhecimento científico, que é bem recente em termos históricos, eu acho que tende a melhorar. O Sebramus [Seminário Brasileiro de Museologia] é muito importante nesse sentido, porque é o grande seminário de discussão científica do campo. Então, a partir do Sebramus [Seminário Brasileiro de Museologia], eu acho que isso foi consolidando esse campo do conhecimento, como produção científica. E, também as pós-graduações na área de Museologia. Eu penso que esse avanço vai se consolidar cada vez mais. A gente vai tendo maior número de revistas científicas com produções na área da Museologia. A tendência é um dia termos a nossa revista aqui da pós-graduação. Eu sou uma pessoa otimista. Acredito que se a gente fizer, se continuar no esforço que foi nos últimos 15 anos, se continuar nessa mesma energia, muita coisa boa ainda vai ser feita, construída. Dificuldades vão ter, né, gente? Atravessadas por conjunturas políticas, econômicas... a gente está dentro de uma universidade que tem uma determinada realidade em função de uma Reitoria, a gente está ligado ao Ministério da Educação, aí vai depender também de quem está no poder, das



políticas públicas em relação à educação. E rogo para que os museólogos ocupem os espaços de memória, de cultura, cada vez mais. E que outras pessoas venham, a renovação do próprio quadro dos docentes é importante. Pessoas que vocês entrevistaram como a [Ana Maria] Dalla Zen, com a professora Iara [Conceição Bitencourt Neves], que foi minha professora na disciplina de Introdução às Ciências da Informação. Ela, junto com a Ana [Regina] Berwanger e a Valéria [Regina Abdalla Farias], elas dividiam, uma falava da Biblioteconomia, outra falava da Arquivologia e outra da Museologia. E a professora Iara [Conceição Bitencourt Neves] falava da parte da Biblioteconomia. Eu sou fã da Iara [Conceição Bitencourt Neves], porque já era uma senhora quando o curso [de Museologia] começou. E eu me lembro que teve o Terceiro Fórum Nacional de Museus, lá em Santa Catarina, em 2008, que foi o ano que o curso [de Museologia] começou. E aí a gente queria ir, porque estava todo mundo superfeliz, tudo era novidade. Nós conseguimos um ônibus da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] para nos levar até Santa Catarina, só que o ônibus só pode ir se tem um professor que acompanha a viagem. Gente, não sei o que houve em relação aos outros professores, mas sabe quem foi com a gente? A Iara [Conceição Bitencourt Neves]. Uma senhora, ela: “eu vou com vocês”, e foi e voltou de ônibus de Santa Catarina, participou no fórum [Terceiro Fórum Nacional de Museus] para não nos deixar, para garantir o ônibus. Foi uma pessoa super parceira, importante na construção do curso [de Museologia], com a [Ana Maria] Dalla [Zen], as duas já se aposentaram, a Lizete [Dias de Oliveira] já se aposentou, a Zita [Rosane Possamai], que logo está se aposentando. São pessoas que marcaram muito, que são muito importantes, que nunca vão ser esquecidas, elas fizeram o curso de Museologia. Só que eu vejo assim, quando a gente entra também há uma nova geração, que renova, traz novas discussões, isso é muito importante. A tendência é a gente avançar, né? Novas questões na área da Museologia, que antes a gente não estudava, por exemplo, toda a discussão aí da Cibermuseologia, dos museus virtuais, que é uma gurizada que já vem nesses



últimos anos discutindo, daqui a pouco entra, faz um concurso e entra no curso [de Museologia], abre essa nova linha de pesquisa. Eu acredito que a renovação também passa pelo próprio ciclo, é muito salutar.

V.B.G. - Vimos que trouxe alguns objetos... poderia compartilhar conosco?

A.C.F.S. - Ah, minhas coisinhas [risos]. Eu trouxe porque hoje em dia tudo a gente faz pelo site, a matrícula... mas ainda em 2008 a gente ainda ganhava um guia acadêmico, que era um livrinho que aqui falava, apresentava a UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], e no final a gente tinha a grade curricular, a minha está toda marcadinha, porque eu ia fazendo aquela coisa, vou ver se dá esse semestre, se eu continuo, aí eu ia marcando em verde o que eu já tinha feito, assim, sabe? Aí quando chegou lá pela metade, já que eu fiz até a metade, agora vou, claro, vou continuar. Aí tinha a grade aqui e é bom porque fica o registro das disciplinas, do primeiro currículo e, também as eletivas, o número total de créditos, na época eram 139, créditos obrigatórios eram 91, e eletivos 40, complementares também eram 8 créditos. Eu achei interessante porque é um registro do curso [de Museologia], depois se vocês quiserem dar uma olhadinha [mostra sua grade curricular impressa no papel], aí eu botava do lado os conceitos, minha avaliação...deixa eu me exhibir, tá, eu fui laureada, para mim foi importante porque eu entrei velha, eu entrei no curso [de Museologia] em março, dia 1º de março, dia 29 eu fiz 42 anos, gente, 42 anos para começar uma graduação, sabe, assim, já trabalhando, e feliz da vida, achei que não foi nenhum sacrifício, e ainda recebi láurea do meu desempenho no curso [de Museologia], fiquei bem contente com isso... e os cadernos, não todos, mas os primeiros, esse aqui é um caderno de Iniciação à Museologia, 5 de março de 2008, que foi, acho que foi a primeira aula, com a professora Valéria [Regina] Abdalla [Farias], olha o capricho [muitos risos], é bem coisa de gente velha, anotar, eu gosto de anotar as coisas em caderno, de escrever, então aqui estão as discussões, os textos... e olha, me ajudou depois quando eu fui fazer o



concurso, eu peguei meu caderninho e fui ler... então esse aqui é um caderno bem importante, eu acho que eu guardei todos, mas esse eu gosto muito, porque foi o primeiro contato com a área da Museologia... está aqui, ó, quarta, eu tinha aula às quartas-feiras, então fica tudo registrado... e os planos de ensino também, não era no sistema. Aqui tem o plano de ensino da Iniciação à Museologia (ela mostra o plano de ensino impresso), que é desse caderno que eu trouxe. E aí o diploma, né? O primeiro diploma da Museologia, em fevereiro de 2012, que foi a formatura. Não foi em palco, se formaram só mulheres, poucas. Foi eu, a Eliane Muratore, a Luciana [Oliveira de] Brito, a Jeanice Dias [Ramos] e a Valesca [Henzel] Santini. Aí o pessoal ainda veio depois, se formaram. E aqui a láurea, outros colegas também receberam. A Letícia Crestani também se formou junto, na primeira turma. Foi aqui no Auditório 2, uma cerimônia bem bonita, a [Ana Maria] Dalla Zen estava na mesa fazendo a cerimônia. Foi bem significativo porque ela [Ana Maria Dalla Zen] foi uma das pioneiras do curso [de Museologia]. E foi legal, veio a [Maria] Cristina Pons [da Silva], que era do COREM [Conselho Regional de Museologia], e já veio no dia para trazer a ficha para a gente se credenciar, conseguir a carteirinha. A gente estava ansioso pela carteirinha do COREM [Conselho Regional de Museologia]. Foi uma cerimônia bem simples, mas foi bem bacana. Foi bem alegre, eu tenho uma boa memória.

V.B.G. - Vamos abrir para mais uma pergunta...

A.C.G.F. - Como foi sua experiência no concurso [para Museologia]? Vou falar por mim, eu saí do meu concurso pensando é agora ou nunca mais, porque é uma semana muito tensa... como foi esta experiência?

A.C.F.S. - Eu tenho ainda a prova, as coisas do concurso [para Museologia]. No edital, eram divididos em três grandes áreas. Eu me lembro de gestão em museus. E aí a banca desdobrou na hora. Então, de um ponto, você ia ter dez



itens, sorteados na hora. Tem que estar preparado, fisicamente, inclusive emocionalmente. A professora [Ana Maria] Dalla Zen era a nossa presidente da banca, porque ela era professora associada. E veio a professora Maria Cristina Bruno e a professora Letícia Julião, que era a nossa banca. O que eu fiz? Eu peguei a bibliografia, li e fichei. Acho que faltou só uns dois livros para fichar. Tirei 30 dias de férias... a prova foi em novembro, né? Sete de novembro. Foi a semana toda. Então, eu calculei para pegar o período de férias. E era das oito ao meio-dia, das duas às seis eu ficava estudando em casa, sentada, lendo e fichando. Tinha um monte de gente no concurso, alguns eu não conhecia, nem a Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino], nem o Eráclito [Pereira]. Fiquei conhecendo no dia da prova. Foi no Auditório 2, porque tinha bastante gente. Sortearam o ponto, aí caiu, gente, uma coisa que ninguém esperava. Como é que era? Era sobre a gestão, gestão de acervos, gestão de coleções, pela perspectiva do ICOM [Conselho Internacional de Museus]... muito específico. Eu, graças ao bom Deus, tinha impresso, na época em que eu ainda fazia aula, aquele guia prático do ICOM [Conselho Internacional de Museus], estava em espanhol. Eu pensei, vou levar, já que sei lá, um trambolhão, mas tudo bem. Foi a minha sorte, porque aí quando sortearam o ponto, tinha uma hora para consultar o material. Aí eu peguei lá e olhei, me lembrei das aulas de gestão da Valéria [Regina] Abdalla [Farias], dei uma olhada no que eu tinha, nos fichamentos não podia, mas nas anotações sim. E aí eu meio que fui muito falando da perspectiva do ICOM [Conselho Internacional de Museus], mas foi assim, uns 15 minutos pensando, como é que eu vou começar isso? E aí é a prova era escrita na hora. Depois ficamos chocados, todo mundo... porque a prova tinha leitura pública. E a banca ali, então você olhava, você lia e teve gente que realmente fugiu muito do ponto. Porque era um ponto difícil, muito específico. E se tirasse menos de sete já estava eliminado. É triste, ficava com pena, porque tem pessoas que... tem uma menina que veio de São Paulo, na prova dela foi eliminada. Você tem que ter um preparo, porque é uma exposição. É público. E quem passava no sete, vinha para o outro dia. Tinha a prova de



defesa do memorial e defesa do teu projeto de pesquisa ou extensão. Então, o candidato ficava lá na mesa, a banca ali embaixo, no auditório, e tu lá em cima falando do teu projeto. E a [Ana Maria] Dalla [Zen] ali, uma pessoa que sabe tudo de metodologia, e eu só pensando, ai meu Deus! Aquela referência que eu não botei direito... Aí elas começaram a me perguntar coisas do projeto, aí a [Ana Maria] Dalla [Zen] me perguntou: “Por que tantos objetivos específicos? [muitos risos]. Aí eu falo, tem razão, professora. [continuação dos risos]. Depois sortearam o ponto da prova didática e foi sorteado gestão também, com um dia para se preparar. A aula tinha limite de tempo. Eu fiz meu PowerPoint, distribuí folhinhas para elas, o objetivo da aula, levei os livros, uma mala, para comentar e mostrar. E terminou a aula, faltava assim, cinco minutos... e perguntaram “terminou já?” Terminei. Gente, me deu um branco, quando eu saí da sala, eu, ai, não comentei a bibliografia. Putz. Aí, no último dia que fazem a divulgação, que a gente fica sabendo das notas. Eu tirei o primeiro lugar! [palmas ao fundo]. Mas o importante era entrar, tanto que eu nunca comento a colocação. É uma experiência interessante, mas tem que ter um preparo emocional. Muita gente boa ficou de fora, sabe? Gente que podia ir super bem, ser um excelente professor, mas ficou nervoso na hora por um detalhe, passou do tempo, ou esqueceu de comentar alguma coisa. E teve recurso, não nos chamaram logo, achei que não iam mais chamar, que iam anular o concurso... eu fiquei pensando em fazer outro concurso, mas tudo de novo, depois pra sofrer um recurso e não entrar... não, não vou fazer. Mas, em 2014, no segundo semestre, fomos chamados, deu tudo certo.

A.C.G.F. - Quando sai o resultado é anestesiante...

A.C.F.S. - Eu me lembro que quando saiu o resultado a Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino] estava do meu lado. E vai aparecendo as notinhas. Aí, eu, tá, né? Eu fiquei assim... e eu passei. Aí, a Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino] do meu lado começou a chorar, porque ela passou, tirou o segundo lugar. E eu



olhei para ela [Vanessa Barrozo Teixeira Aquino], e ela começou a chorar. Aí, veio a Cristina [Oliveira] Bruno nos abraçar e as abobadas, ali, ó chorando! Foi muito engraçado. Eu disse, Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino], eu chorei, só porque tu começou a chorar. Foi muito legal. E, aí, depois, eu tinha aula no doutorado. Porque, aquela semana, eu faltei, né? Lá no campus do Vale, porque ficava amanhã e tarde aqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]. Eu não podia mais faltar a aula, né? Já estava enforcada. Saí daqui [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], já era quase de tardezinha, pensando: passei no concurso, estava meio assim, anestesiada. Aí, fui ali para [Avenida] Ipiranga, peguei o ônibus para o campus do Vale. Tive aula de noite, lá. Aí o meu irmão me ligou para saber do concurso, e eu disse: "Ah eu passei" e ele disse: "e que que tu tá fazendo aí?". "Eu tô vendo a aula, né? Porque eu já faltei a semana toda". Foi assim gente, o que é a pessoa, passa no concurso, em vez de tomar uma cerveja, né? Eu fui pra aula. Mas, aí, na aula, eu estava meio assim, não tinha acreditado. Aí, no final, eu falei para o professor [Cesar Augusto Barcellos] Guazzelli, e ele, "bah guria, por que tu não falou?" Não, professor, não, ainda não me chamaram, né? Toda assim [risos], foi muito engraçado. É uma experiência boa e traumática ao mesmo tempo.

V.B.G. - Para fechar professora, pode falar um pouco mais sobre seu projeto de extensão?

A.C.F.S. - O projeto começou em 2018, em 2017 eu tive um ano de licença para terminar a tese, escrever a tese. Quando eu voltei, em março, o Elias [Palminor Machado], me falou que a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] tinha ministrado uma disciplina lá no Instituto de Física. É uma disciplina eletiva de pesquisa museológica. Os alunos investigaram alguns objetos e fizeram uma pesquisa profunda que resultou num dossiê e teve esse contato com a equipe lá, com o Gabriel [Cury Perrone] e a Lara [Elena Sobreira Gomes], que são os dois físicos e são os técnicos de lá. Com os dez anos do curso [de Museologia], que seria



no próximo ano, em 2018, estavam investigando em que plataforma poderia ser feita a memória do curso de Museologia, que hoje é o Tainacan, é o projeto que a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] coordena, sobre trajetórias e memórias da Museologia. O Elias [Palminor Machado] me falou: “Bah Ana o pessoal lá da Física, eles querem continuar e lá” a gente precisa fazer tudo, porque a Silvana [Fernandes de Fraga], que era aluna [da Museologia], tinha feito um estágio curricular lá, tinha feito um arrolamento, porque não tinha nenhum registro museológico. Aí a gente fez esse projeto de gestão de acervos, na época era gestão de acervos museológicos na UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. E a primeira, a ideia era prestar uma assessoria para as unidades da universidade que tivessem acervos de caráter museológico ou que fossem museus, no sentido muito da documentação museológica, de organizar e disponibilizar no Tainacan como uma experiência, um estudo, porque o Tainacan estava recém chegando aqui [no Rio Grande do Sul]. Aí a gente fez, foi bem legal lá com o pessoal da Física, hoje eles têm Instagram, continuam alimentando o Tainacan. Aí no outro ano foi no Instituto de Artes, no IA, aí o professor Paulo [Gomes] nos procurou, sabendo por causa das reuniões da REMAM [Rede de Museus e Acervos Museológicos], do projeto que tinha sido feito lá na Física. O resultado foi bem legal, a gente lançou o Tainacan, na pandemia pesquisamos o nível de maturidade, não só tecnológica, mas também da gestão das unidades da REMAM [Rede de Museus e Acervos Museológicos]... e a gente começou a trabalhar com instituições de fora, o MARGS [Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli], o MACRS [Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul], o Museu da Química aqui da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] também, a gente tem o Museu Julio [de Castilhos], a gente foi assessorando, muito a parte técnica é mérito do Elias [Palminor Machado], eu sempre gosto de frisar, porque entende muito dessa ferramenta do Tainacan, e aí eu entro para pensar os metadados, fazer um padrão de metadados, de pensar a organização da documentação. Agora o IBRAM [Instituto Brasileiro de Museus] já está fazendo os estudos da



Brasiliiana Museus, que vai ser o agregador de todos os Tainacans do IBRAM [Instituto Brasileiro de Museus], dos museus do IBRAM [Instituto Brasileiro de Museus], que já está em teste, logo, logo já vai estar saindo, então a coisa avançou, eu acho que esse é o valor do trabalho, disponibilizar, divulgar, dar o direito ao acesso à informação sobre o patrimônio do cidadão.

V.B.G. - É isso professora, muito obrigada pela participação!

A.C.F.S. - Agora eu já sou memória, ai gente, obrigada! Agora eu sou memória, então.

[Final do depoimento]

Presenciaram a entrevista com Ana Celina Figueira da Silva:

Ana Carolina Gelmini de Faria,
Igor Duarte Flores Pinto,
Jefferson Magueta Trevisan,
Klara Maciel Albarenque,
Lizandra Caon Bittencourt,
Lourdes Maria Agnes,
Nina Mazim Dias,
Sergio Luiz Valentim Júnior,
Vinícius Bard Giraldo.

